

# **Todos Lutamos sob o Mesmo Cristo**

**A Confissão de Augsburg como nossa Carteira de Identidade(\*)**

**Joachim Fischer**

## **1. A CONFISSÃO DE AUGSBURGO 1530 e 1980**

Há 450 anos, no ano de 1530, os luteranos formularam a primeira e mais importante confissão de sua fé cristã. Aconteceu na cidade de Augsburg, no Sul da atual Alemanha Federal. Na grande Assembléia Nacional (anual) foi lida a Confissão de Augsburg em público, isto é, na presença e diante dos representantes políticos da Alemanha. Depois o documento foi entregue ao Imperador, a mais alta autoridade do país. Assim os luteranos explicaram a todo o mundo, em alta voz, o que é pregado, ensinado, feito e vivido em suas Igrejas e comunidades. Apresentaram ao mundo pela primeira vez o que podemos chamar de sua Carteira de Identidade, cujo modelo acabavam de elaborar. Essa Carteira de Identidade está em vigor até hoje. Através dela também nós podemos mostrar a todos quem nós, os luteranos, somos.

## **2. CRISTO – NOSSO SENHOR**

Certamente a grande maioria de nós possui a Carteira de Identidade que a gente recebe das autoridades do Estado. Então vocês sabem que nela há nossa foto e constam nosso nome, nossa assinatura, a assinatura da autoridade expedidora e diversos outros dados e números. O que consta na Confissão de Augsburg, se ela é nossa Carteira de Identidade como cristãos e Igreja? Consta: **Todos lutamos sob o mesmo Cristo.**

Essa inscrição é muito importante. Pois permite dizer logo quem é a autoridade que assinou essa Carteira. É o Senhor Jesus Cristo. Ele iniciou a Igreja em que ele é confessado como Senhor e

---

(\*) Palestra proferida em 5 de outubro de 1980 no Dia da Igreja do Distrito Eclesiástico Médio Vale do Itajaí, em Indaial/SC

Salvador. Dele fala a mensagem dos discípulos e apóstolos, o Evangelho. Os primeiros cristãos identificaram-se entre si e diante dos outros com a confissão simples e breve: "Senhor é Jesus", como nos conta o apóstolo Paulo na primeira carta aos Coríntios, no capítulo 12, versículo 3. O reformador Martim Lutero segue no mesmo caminho, quando explica o Credo Apostólico: "Creio que Jesus Cristo, verdadeiro Deus e também verdadeiro homem, é meu Senhor. Pois me remiu a mim, me resgatou e salvou, para que eu lhe pertença e viva, guiado por ele, em seu reino." Desse Senhor temos o nome de cristãos. Ele governa nossa vida em última instância. Está presente em nossos lares, em nossas comunidades, em nossa Igreja, onde é pregada, ouvida e aceita sua palavra, onde pessoas se reúnem e rezam em seu nome.

A Confissão de Augsburg diz, portanto, em primeiro lugar: **Nós luteranos pertencemos a Cristo; somos seus discípulos; ele é nosso Senhor; nós lutamos sob seu comando.**

### **3. A JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ**

Cristo – nosso Senhor! A própria Confissão de Augsburg expressa isso com a palavra "justificação": Somos justificados somente pela fé em Cristo e por causa de Cristo. Martim Lutero descobriu a importância decisiva da justificação para sua vida e para a vida de cada cristão numa experiência bem pessoal. Fez a experiência em sua busca por Deus, o Pai. A experiência atingiu-o profundamente. Mudou os rumos de sua vida. Levou-o a visar a renovação da Igreja e da vida cristã a partir do Evangelho. Lutero contou sua experiência de maneira clara, num retrospecto, quase no fim de sua vida. Suas palavras são as seguintes:

"Durante muito tempo não consegui entender a frase do apóstolo Paulo: 'A justiça manifesta-se no Evangelho.' Odiei a palavra 'justiça de Deus', porque pensava que Deus é justo como um juiz que dá a cada um o que merece. E como sabia que eu era um pecador, imaginava que receberia por parte de Deus a mais dura punição. Minha consciência estava muito perturbada. Senti até raiva contra Deus. Meditei dia e noite. Finalmente descobri que o sentido daquela palavra de Paulo era outro. Deus é justo – não para castigar-nos, os injustos, e sim, para dar sua justiça a nós, injustos e pecadores, através da fé. Então senti-me renascido e como se eu tivesse entrado por portas bem abertas no próprio paraíso."

### **4. A JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ: ACEITAÇÃO POR PARTE DE DEUS**

Justificação pela fé quer dizer, em primeiro lugar: Deus abre-nos as portas; aceita-nos sem qualquer condição prévia. Ele

toma a iniciativa e dá-nos sua graça como presente. Reconhece-nos e valoriza-nos como pessoas, a cada um individualmente e a todos em conjunto, como suas criaturas. Não é necessário sentir-se digno para receber o presente. Deus aceita justamente os pecadores, os que se sentem indignos e perdidos. Aceita os que sofrem, os que acham que não há saída para eles. Essa aceitação de Deus é ampla e irrestrita. Esse fato fica manifesto na pessoa e na vida de Jesus, o representante de Deus na terra. O testemunho da Bíblia a esse respeito não deixa margem para dúvidas. Jesus aceitou a meretriz (João 8, 1-11), o malfeitor e marginal (Lucas 23, 39-43), o discípulo que o negara três vezes (João 21, 15-19). Viveu em meio ao povo, entre os pequenos e humildes. Mas entrou também na casa do rico que explorava seus próximos (Lucas 19, 1-10) e atendeu o pedido de ajuda do representante da grande potência estrangeira que ocupava seu país (Mateus 8, 5-13). A Confissão de Augsburgo, portanto nossa Carteira de Identidade como luteranos, diz em segundo lugar: **Em Cristo somos aceitos e valorizados por Deus pela fé como pessoas dignas de seu amor.**

## 5. SER CRISTÃO: LUTAR SOB CRISTO

No início eu disse que na Confissão de Augsburgo consta: Todos lutamos sob Cristo. Lutar – essa palavra quer expressar que nossa fé cristã é algo dinâmico, atuante. Jamais significa parada, estagnação, passividade. A fé não é um tranquilizante. Não é o famoso “ópio do povo” de que Karl Marx fala. Deus não quer que simplesmente esqueçamos nosso pecado, nossa culpa, nosso sofrimento, a miséria no mundo. Muitas vezes Lutero foi acusado de levar os cristãos a acomodarem-se, de modo que deixariam tudo como está. A tais acusações ele respondeu: “Não, meu caro, assim não.” E acrescentou que o cristão tem de fazer “muitas e diversas coisas”. Deus dá sentido à vida do cristão. Ele determina os rumos da vida dos cristãos. Ele estabelece as metas para a vida de cada um.

As metas não são as mesmas para todos. Que metas Deus me mostra em minha vida? A resposta depende da situação em que me encontro, depende de minhas necessidades, depende também das necessidades daqueles com os quais convivo. Deus é muito criativo neste ponto. Também a esse respeito os exemplos da Bíblia são muito claros. Jesus muitas vezes eliminou da vida das pessoas aquilo que as oprimiu e as fez sofrer. À mulher que cometera adultério disse: “Não peques mais.” (João 8,1-11). Motivou o rico explorador a ajudar os pobres (Lucas 19, 1-10). Ordenou ao jovem rico que o procurou e pelo qual sentiu grande simpatia, livrar-se de

suas riquezas em favor dos pobres, e deixou-o triste diante dessa exigência dura (Marcos 10, 17-22).

Em nossas comunidades temos culto geralmente aos domingos. Então temos oportunidade de ouvirmos a palavra de Deus. Podemos orar, cantar, fortalecer nossa fé. Sem dúvida alguma é um costume muito bom ter um dia livre na semana em que podemos tratar das coisas da fé. Mas esse costume pode levar também a conclusões erradas. Domingo é dia de descanso, pelo menos para os que trabalham nas fábricas, no comércio, na administração, etc. Facilmente alguém poderia concluir que fé cristã significa descanso. Poderia pensar que a fé cristã serve apenas para o domingo, para o dia de descanso em que somos livres dos deveres rotineiros das nossas atividades profissionais. Mas a fé quer ser uma força justamente para a luta do dia-a-dia.

Certamente não é necessário abordar este problema muito detalhadamente. É um fato que para uma grande parte do nosso povo a vida é uma luta bastante dura: uma luta pelo sustento, uma luta pela saúde, uma luta pela educação dos filhos, uma luta por uma vivência mais humana, mais digna, mais justa. A fé encorajamos a enfrentarmos essa luta. A fé fortalece-nos para essa luta. Na fé, Cristo mesmo quer estar conosco em meio a essa luta da vida, como esteve com seus discípulos em meio à tempestade que agitava o mar (Marcos 4, 35-41). A Confissão de Augsburg, portanto, diz em terceiro lugar: **Enfrentamos a vida com tudo que nos traz, com fé, lutando com Cristo e sob Cristo.**

## **6. SER CRISTÃO: LUTAR SOB CRISTO PELA VALORIZAÇÃO DO PRÓXIMO**

A fé não é apenas uma força que serve a nós mesmos. A fé pensa também no próximo, nos irmãos. Os cristãos lutam sob Cristo, como já foi dito. Os cristãos são ativos. Estão engajados na causa de Cristo neste mundo. Podemos perguntar: onde e como estamos engajados na causa de Cristo? Ao darmos a resposta, tomamos em consideração, neste lugar, sobretudo os nossos próximos, as pessoas com as quais convivemos.

Martim Lutero estabeleceu para nossa vida cristã a regra: servir e ajudar ao próximo. Lutamos sob Cristo por mais fraternidade entre as pessoas. A luta pela fraternidade é muito importante em nossos dias, em nossa sociedade. Já no passado houve muitas vezes falta de fraternidade e aceitação mútua. Os índios, por exemplo, proprietários originais da terra, foram expulsos e dizimados. Os escravos africanos foram mantidos em condições precárias. Hoje,

em muitos setores, a técnica tem grande influência sobre nossa vida. Nesse mundo das máquinas muitos sentem-se como uma peça numa grande máquina. A peça tem sua função em seu lugar durante algum tempo. Mas um dia se desgasta e quebra. Então é tirada de seu lugar, jogada fora e substituída por outra peça semelhante.

Nesse mundo os cristãos têm uma tarefa muito importante. Encorajados por Cristo lutam para que todos sejam considerados e tratados como pessoas e não com a frieza com que são tratadas peças de uma máquina. Como cristãos sabemos que Deus valoriza a todos como pessoas. Então podemos dizer ao nosso próximo o que vale para nós mesmos: Meu irmão, tens o direito de orgulhar-te de teu valor que te é dado por Deus. Teu valor, bem como o meu, não depende da função que exerces. Não depende da posição que ocupas na sociedade. Não depende da quantidade de bens ou de poder que possues. Teu valor depende unicamente de Deus. Em Cristo ele se tornou o irmão de todos nós. Para ele todos têm valor igual. Ele está aqui para abrigar sobretudo aqueles que têm mais necessidade disso, os pequenos, humildes, pobres.

Assim, pois, podemos resumir o que a Confissão de Augsburgo diz em quarto lugar: **Como luteranos lutamos sob Cristo para que também nosso próximo e irmão seja valorizado como pessoa amada por Deus.**

## **7. SER CRISTÃO: LUTAR SOB CRISTO PELA PARTICIPAÇÃO PLENA NA SOCIEDADE**

Ao que já foi dito, eu gostaria de acrescentar mais uma observação muito importante. Quando falamos da ajuda ao próximo e do engajamento em favor do próximo, geralmente vemos o próximo como indivíduo. Isso está certo. Diante de Deus cada um é uma pessoa inconfundível. Somente podemos valorizar alguém devidamente como criatura de Deus, se o tomamos a sério em sua individualidade. A fé é assunto bem pessoal de cada um. Fé em massa dificilmente é a fé que salva. Nunca devemos esquecer que a mensagem do Evangelho se dirige a pessoas concretas, a indivíduos. Mas igualmente é verdade que todos nós vivemos dentro do grande conjunto de pessoas que chamamos de sociedade. Somos também membros da sociedade. Essa sociedade tem grande influência sobre nós e nossa vida. Não apenas a assim chamada vida social, e sim, também a vida econômica e a vida política são, em grande parte, muito mais um assunto da sociedade toda do que um assunto de um ou outro indivíduo. Na sociedade valem determinadas regras para nosso comportamento e para nosso agir. Quantas vezes

já nos foi dito: A gente faz isto, mas aquilo a gente não faz. É dentro da sociedade que as pessoas se relacionam umas com as outras. Até certo ponto todos nós estamos sujeitos às regras que regem a sociedade. Muitas vezes gostaríamos de mudar tais regras, pois as que estão em vigor não são sempre as melhores. Já aponte para o fato de que muitas vezes falta a fraternidade. As pessoas não se aceitam mutuamente. Ao contrário, não raras vezes uns trabalham contra os outros; uns dificultam a vida dos outros; uns oprimem e marginalizam os outros; uns tomam as decisões, os outros são apenas objetos dessas decisões e têm que obedecer. É, na sociedade existe também muita opressão e injustiça. Muitos não têm oportunidade de participarem devidamente da sociedade, a não ser como objetos.

O que dizemos como luteranos sobre o cristão e a sociedade, sobre nós e a sociedade? A Confissão de Augsburg afirma expressamente que é lícito, que é permitido aos cristãos participarem da sociedade. Não precisamos fugir nem devemos fugir do assim chamado mundo. A sociedade é nossa. Nós constituímos e somos a sociedade. Por isso temos o direito de participarmos plenamente de tudo na sociedade que diz respeito a nós. Participar – para quê? Para que haja um convívio sadio, justo, fraternal entre todos. Neste sentido e com esta finalidade lutamos sob Cristo também na sociedade, na vida social, econômica e política. Nossa fé encoraja-nos para tanto. A participação ativa na sociedade e em seus problemas é uma consequência lógica da fé cristã. Martim Lutero disse uma vez: “Como Deus nos ajudou gratuitamente por causa de Cristo, assim também nós devemos ajudar ao nosso próximo.” Participamos ativamente na solução dos problemas da nossa sociedade para ajudar a nossos irmãos, a nossos próximos. Deus não quer que dificultemos a vida uns dos outros. Não quer que nos prejudiquemos uns aos outros. Ele quer fraternidade – e por isso quer também uma sociedade mais fraterna, mais humana, mais justa.

Resumimos também o que a Confissão de Augsburg diz em quinto lugar: **Como luteranos lutamos sob Cristo por uma sociedade mais humana e mais justa, em que todos possam participar plenamente.**

## **8. LUTAR SOB O MESMO CRISTO – NA IECLB**

Agora pretendo meditar um pouco sobre nossa Igreja, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. O que poderia significar “lutar sob o mesmo Cristo” em nossa Igreja e para nossa Igreja?

Meu ponto de partida é uma comparação entre nossa situação e a situação dos primeiros luteranos no século XVI. O movimento da Reforma Evangélica, liderado por Martim Lutero, quis, no início, renovar a Igreja daquela época a partir do Evangelho de Cristo. Mas a Igreja não aceitou a proposta. Excluiu Lutero e seus adeptos. Aconteceu a ruptura.

Apesar da ruptura, porém, todos, inclusive os luteranos, lamentaram profundamente a separação, a perda da unidade cristã. Durante muito tempo os luteranos, apesar de excluídos, sempre de novo mostraram muita disposição e vontade de dialogar, de restabelecer a unidade entre os cristãos. A própria Confissão de Augsburgo, de 1530, é um documento em que se manifesta claramente essa disposição. Ela acentua o que os luteranos têm em comum com os católicos (e com outros cristãos). Tenta demonstrar que as divergências não são fundamentais, e sim, referem-se apenas a certos ritos e costumes. A Confissão de Augsburgo é o resultado do esforço sério de evitar a divisão definitiva da cristandade.

Se agora olharmos nossa Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, nem sempre vamos perceber logo sua unidade em torno de Cristo e conforme a orientação básica da Confissão de Augsburgo. Dentro da nossa Igreja já há várias correntes ou "linhas teológicas e pastorais". Nossos membros e pastores expressam sua fé em Cristo, que é, em última análise, o mesmo para todos, de várias maneiras. Fala-se então que nossa Igreja é pluriforme e que nela reina o pluralismo. Às vezes é difícil perceber o que une as diversas correntes, o que as mantém na mesma Igreja. Pois não há somente várias maneiras de expressar e testemunhar a fé. Há também divergências abertas, críticas mútuas, hostilidade. Até já ouvi vozes dizendo que seria melhor se cada corrente tivesse sua Igreja.

Mas tão fácil e levemente não podemos tratar da questão da unidade da Igreja. A Igreja é de Cristo – também nossa Igreja. Não é uma simples instituição humana: não é um clube ou uma associação, ainda que tenha muitas facetas humanas, porque seus membros são pessoas humanas. O próprio documento básico da nossa Igreja, a Confissão de Augsburgo, lembra-nos com palavras ponderadas da responsabilidade que temos na Igreja e especialmente por sua unidade. Diz no prefácio textualmente: "Assim como todos estamos e lutamos sob o mesmo Cristo, podemos viver em uma só Igreja cristã." Estamos comprometidos com esse Cristo. Somos seus discípulos. Por isso não nos podemos separar dos irmãos em nossa Igreja. Cristo é aquele que nos une na IECLB. Pois ele é o Senhor de todas as correntes, o Senhor de todos, seja qual for a maneira em que alguém expressa e vive sua fé e seu compromisso com o Evangelho.

Mas que devemos e podemos fazer então com as diferenças e divergências que sem dúvida alguma existem e que não podemos simplesmente ignorar? Encontramos algumas recomendações sábias e prudentes na Confissão de Augsburgo. Elas podem ajudar-nos também hoje, neste país, em nossa situação. Apresento-as bem resumidamente.

Podemos ouvir o que os outros têm a dizer. Podemos esforçar-nos a entender o que eles querem expressar com suas palavras, com sua maneira de viver sua fé. Podemos ponderar tudo isso num espírito de caridade mútua. Podemos corrigir o que os outros dizem erradamente sobre nós. Mas também devemos deixar-nos corrigir naquilo que nós dizemos erradamente sobre os outros. Mas em divergências que não afetam a substância do Evangelho, podemos e devemos ser tolerantes. Nada nos impede de tentarmos chegar a um acordo amigável, honesta e pacificamente, um acordo que não exige de ninguém o sacrifício de suas convicções evangélicas. E por que não podemos resolver nossos problemas na IECLB e determinar os rumos a seguir num Concílio Geral? Em vez de gastar nossas energias com controvérsias internas, podemos em conjunto lutar sob Cristo na divulgação do Evangelho, na prática do amor cristão, na humanização da sociedade. Desta maneira seremos discípulos fiéis do Mestre. Pois a Confissão de Augsburgo diz em sexto lugar: **“Assim como todos estamos e lutamos sob o mesmo Cristo, devemos confessar um só Cristo”, reunidos em torno do Evangelho e dos sacramentos e de acordo com a verdade de Deus e com seu auxílio.**

## **9. LUTAR SOB O MESMO CRISTO – NO DIÁLOGO OU CONFRONTO COM IGREJAS, SEITAS RELIGIÕES**

Eu comparei a Confissão de Augsburgo, no início desta palestra, com uma Carteira de Identidade. Agora quero mostrar, em último lugar, mais um aspecto da importância dessa Carteira. Ela é necessária para que possamos identificar-nos diante das outras Igrejas, diante das seitas e diante de outros grupos religiosos. Vivemos num tempo e num país em que proliferam Igrejas, seitas, religiões. Podemos mencionar algumas Igrejas: a Católica Romana, a Metodista, a Episcopal, a Presbiteriana, a Batista. Podemos mencionar também algumas seitas: Mórmons, Testemunhas de Jeová. Podemos mencionar, finalmente, religiões: espiritismo, umbanda, macumba, curandeiros. Existem muito mais ainda. Muitas vezes nossos membros sentem-se confusos. Pois principalmente as seitas mandam seus adeptos de casa em casa para ganhar novos membros. Conhecem a Bíblia. Citam versículos da Bíblia. Dizem que em seu grupo têm a verdade sobre Deus e a fé. Existe em

praticamente todas as pessoas uma verdadeira fome de encontrar algo divino, uma força sobrenatural que dá apoio à gente, algo que nos diz qual é o sentido da vida, o sentido dessa nossa sociedade, o sentido do sofrimento. É um clima extremamente propício ao surgimento e florescimento de Igrejas, seitas e religiões. No meio deste grande número de grupos religiosos, membros da nossa Igreja facilmente chegam a duvidar da nossa maneira de sermos cristãos, perguntando se os outros não têm a oferecer algo melhor. Que fazer?

É importante, primeiramente, ter a sua Carteira de Identidade e conhecê-la um pouco. É importante, depois, mostrar essa Carteira de Identidade: nós somos assim. Confessamos um só Cristo – e quando fazemos isso, orientamo-nos na Confissão de Augsburg. Em nossa Igreja Cristo é confessado assim como a Confissão de Augsburg o expressa, e não de maneira diferente. Não rejeitamos de antemão outras Igrejas e religiões. Procuramos o diálogo, o entendimento, a fraternidade. Mas não queremos misturar tudo, dizendo que todos têm o mesmo Deus. E distinguimos entre as Igrejas que nos aceitam como irmãos, e outros grupos e seitas que pensam que somente eles têm a verdade e que nós somos uma Igreja falsa. Com aqueles que nos aceitam como irmãos, pode haver diálogo e entendimento. Com os outros o diálogo é difícil ou impossível.

Assim chegamos ao fim desta meditação sobre nossa luta sob Cristo. Em sétimo e, para hoje, último lugar a Confissão de Augsburg diz: **Nós luteranos, no meio das outras Igrejas, seitas e religiões, confessamos um só Cristo; fazemos isso nas linhas traçadas na própria Confissão de Augsburg; e assim procuramos a fraternidade com os que nos aceitam como irmãos.**

Certamente também nós podemos colocar no fim a frase com que os luteranos do ano de 1530 encerram sua confissão de fé, declarando sua abertura para reflexões e diálogos futuros: **“Caso falte algo nessa nossa confissão, estamos dispostos, se Deus quiser, a dar informação mais ampla.”**